

Quero saber



Alquimia
Luís de matos

Quero Saber



Alquimia

(c) 2012 - Luis de Matos

<http://universatil.wordpress.com>

1ª Edição - Julho de 2012

Edições Nihil Obstat

Com o apoio do In Hoc Signo - Hermetic Institute

www.ihshi.com

Esta publicação não segue o novo Acordo Ortográfico

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

"Vós sois o Sal da terra", Mateus 5:13

Entre todos os temas relativos aos Conhecimentos Tradicionais (também ditos esotéricos ou herméticos), a Alquimia sempre foi um dos que mais me prendeu a atenção. Desde logo a sua rica iconografia sempre me pareceu hipnotizante e o modo de cifrar em composições geométricas ou figurativas alegóricas, o entendimento que temos do universo e das suas leis, enfeitiçava-me a imaginação.

Durante muitos anos li tudo o que me aparecia sobre a Alquimia: o bom e o mau. Tive alguma sorte de ter no Olímpio Gonçalves, amigo fiel e de longa data, um entusiasta incentivador e, quantas vezes, orientador de leituras. O primeiro livro que "descasquei" da sua infinita paciência foi *"O Mistério das Catedrais"*, seguido por *"As Mansões Filosóficas"*, ambos de Fulcanelli.

Pouco tempo depois um outro amigo, o José Manuel Anes¹, levou-me a conhecer o trabalho notável do

¹ Autor de uma tese sobre o tema. Vide Bibliografia.

grupo francês Les Philosophes de la Nature e particularmente do seu Presidente, Jean Dubuis. Acabei por me filiar à escola e fiz o curso prático de Alquimia Vegetal e Alquimia Mineral, o que me deu uma perspectiva completamente diferente sobre o assunto.

Ao longo dos anos tenho vindo a prosseguir os estudos e a ampliar um pouco a biblioteca. Mais recentemente, a propósito da fundação do In Hoc Signo - Hermetic Institute, foi decidido retomar o tema e animar um Grupo de Estudos. Entre os trabalhos que inicialmente procurávamos fazer estava a sistematização e estudo do material do Alquimista Francês Roger Caro e da sua Ordem dos Frères Aînés de La Rose+Coix, (FAR+C) que entretanto nos foi ocupando. Rapidamente percebemos que, estando o Instituto Hermético vocacionado para o público em geral, grande parte do material dos FAR+C e mesmo de Jean Dubuis necessitava de algumas noções introdutórias que muitos dos que nos procuravam não tinham.

Iniciámos assim um Curso de Introdução à Iconografia Alquímica em 2010, do qual vamos já na sua segunda edição (em 2012). A Iconografia é um bom meio de acesso a todo o universo da Alquimia, permitindo de modo claro, mas igualmente intuitivo, expressar as principais regras que depois estarão presentes no trabalho laboratorial. É igualmente

muito estimulante, mesmo para quem tem um interesse inicial na matéria Alquímica. Ajuda a conhecer iconografia que, mais tarde, foi retirada do imaginário Alquímico e usado profusamente por ocultistas em outros contextos, como a fénix, o andrógino, etc.

Ao longo dos anos fui escrevendo artigos e peças de fundo sobre a Alquimia. Muitos são de uso particular e não seriam úteis a ninguém, pois são notas de estudo de obras, de tratados ou simples reflexões sem contexto preciso. Contudo, alguns desses artigos, particularmente os publicados durante a curta existência do Jornal "*Quinto Império*" no início da década de 90 e hoje raros e esgotados, mostram uma perspectiva introdutória ao tema que pode ser útil como meio de acesso a informação simples e clara sobre a Alquimia.

Os artigos aqui compilados estão assinados por pseudónimos literários que era costumeiro usar na época em que viram a luz do dia. Mantive as autorias intactas. A estes acrescentei alguns outros mais modernos de minha autoria, que espero poderem despertar a curiosidade dos leitores pelo tema.

Na parte final pode encontrar-se um pequeno glossário, bem como uma bibliografia actualizada e assinalada de modo a melhor orientar os leitores.

A série "Quero Saber" pretende ser constituída por uma sucessão de pequenos livros introdutórios aos temas mais importantes do esoterismo contemporâneo e de todas as idades. Pretende ser um acesso fácil e aberto ao conhecimento básico, mas ao mesmo tempo esclarecedor, em cada um desses temas. Queremo-lo como um ponto de partida para uma pesquisa mais séria e aprofundada, dando as bases e os principais instrumentos de trabalho para que cada leitor encontre, num mundo multimédia e sobrecarregado de informação, o seu próprio fio de Ariadne.

Assim Deus nos ajude,

Luis de Matos

Corpo de Deus, 2012

Dedico este livro a dois irmãos que se viram vencidos pelas agruras da Via, Paulo Alexandre (Rebis) e António Barcelos. InrI.



Os Objectivos da Alquimia

por: Rogério Águas²

Há uma grande confusão nas ideias do profano quanto à Alquimia, e essa confusão é ainda reminiscência dos tempos medievais em que o Adepto era olhado com desconfiança e, se umas

² Publicado pela primeira vez no Jornal Quinto Império, nº 3, Abril de 1991, Editorial Sibila, Mem Martins. Esta é a versão editada para livro do mesmo artigo, com as devidas adaptações e actualizações.

vezes chegava a ser marginalizado, outras era procurado como um maná que tudo podia. A principal causa destas duas reacções opostas era a falta de entendimento por parte do leigo dos objectivos da Alquimia.

Ainda hoje a ideia que subsiste do Alquimista é a de um velhote barbudo, com longos cabelos brancos, muitas rugas engelhando-lhe a face, fechado no seu laboratório, misturando substâncias em tubos de ensaio ou mesmo os mais repugnantes ingredientes num caldeirão ao lume. Contudo esta imagem está errada. Os estudantes da Arte Real contemporâneos são pessoas comuns e podemos cruzar-nos com eles na rua sem nos dar-mos conta. Na verdade a sua aparência exterior nada diz. Um Discípulo ou um Adepto, nos dias que correm, não tem "visual" estandardizado, nem uma profissão necessariamente ligada aos produtos químicos. De todo o modo, são tão raros, que buscá-los entre a multidão é um exercício inútil.

Falemos então dos grandes objectivos da Arte Real. Vulgarmente pensa-se que o Alquimista aspira à fabricação do ouro, ou da lendária Pedra Filosofal, uma pedra de forma abstracta (será esférica, será cilíndrica, será lascada ou polida?) que tem a faculdade de transformar em ouro tudo o que toca. Como veremos adiante, esta concepção é muito genérica e não traduz totalmente a realidade. Certo é

(.../...)

origem da Alquimia, uma outra há que é de todo o interesse referir.

A Alquimia e o Livro de Henoch

O "*Livro de Henoch*" é uma escritura bíblica considerada apócrifa. Para o leitor que desconheça uma edição do livro (já publicado em Portugal pela editorial Minerva e acessível na internet em traduções do Brasil), cremos ser importante referir que o mesmo se pode encontrar na Secção VIII do 5º Volume da "*Doutrina Secreta*" de Helena Petrovna Blavatsky. De acordo com um dos relatos que o compõem, a ciência hermética foi revelada aos homens por dois anjos caídos dos céus. Esses anjos teriam caído devido à sua paixão pelas mulheres terrestres, com as quais procriaram, dando origem à mitológica raça de gigantes, os Nephilim. Aqui temos uma união entre os dois princípios, masculino-feminino, fixo--volátil, superior-inferior, que está presente em toda a execução da Grande Obra.

A este propósito recordamos o tratado "*Liber Trinitatis*"³, onde vemos o rei e a rainha como um único ser, esmagando os quatro elementos. O "*Rosarium Philosophorum*" nas suas múltiplas edições mostra-nos imagem idêntica. Muitas vezes a matéria prima da Obra Metálica é também representada

³ Nurenberg, 1415

como um ser andrógino que encerra em si os dois princípios, os dois mundos. Como vemos, a união dos seres divinos masculinos com as mulheres terrestres relatada no livro de Henoch não está destituída de sentido, sendo o produto da sua relação algo de perfeitamente titânico...



Andrógino do Rosario Philosophorum

Mais tarde, na mitologia grega, encontramos algo que nos faz lembrar a história dos elohim de Henoah: Vulcano, caído do Olimpo, forjou o raio de Zeus e uma foice para Ceres. Ora, o raio de Zeus é o fogo dos filósofos, o fogo divino (Zeus ocupava o lugar mais alto do panteão grego). Ceres é a deusa da fecundidade e da agricultura. A propósito da agricultura, Fulcanelli (o fogo de Vulcano...) diz-nos em *"O Mistério das Catedrais"*: *"A Alquimia tinha também o nome de Agricultura Celeste e os seus Adeptos o de Lavradores"*, o que não nos pode deixar de lembrar a Espagíria, um dos "ramos" da Alquimia, que trabalha com vegetais e tinturas⁴.

A tradição grega é bastante rica como fonte da Alquimia, como já tivemos oportunidade de ver no caso de Hermes, mas mesmo junto do saber da época residiam ideias muito próximas das concepções alquímicas. Os primeiros filósofos gregos defendiam a existência dos quatro elementos — terra, ar, fogo e água —, que estavam presentes em tudo no universo. Foi Platão quem primeiro os designou como "elementos", mas deu-lhes uma origem pré-socrática. Também a quinta essência, o éter, era deles conhecida, representando a "ânima", o espírito latente na matéria. Certas escolas de saber grego

⁴ No texto original não ficou claro que todo o Alquimista (em qualquer via ou obra, designadamente dos metais), pratica uma "agricultura celeste".

defendiam que o cosmos tendia do caos à perfeição, o que toca alguns conceitos herméticos.

O mais antigo alquimista historicamente conhecido e documentado era exactamente grego, Zósimo de Panópolis, que viveu no século II da nossa era.

Os Árabes

Um outro local que, no passado, assistiu a um grande movimento ligado à Arte Real foi a cidade de Alexandria. De facto foi um dos grandes centros gnósticos⁵ do mundo antigo, congregando uma lendária biblioteca, mais tarde completamente destruída por um incêndio.

Muitos se perguntam se essa catástrofe não foi motivo de atraso na procura da Pedra Filosofal, mas nós estamos em crer que não. Há que não esquecer que o meio privilegiado de comunicação da Arte Real é o de "boca-a-orelha", de Mestre a Discípulo, tendo a literatura disponível um papel de apoio, não sendo de modo algum suficiente à elaboração do Ouro Potável. De qualquer forma o incêndio constituiu uma perda irreparável para todo o conhecimento e tradição antigos, deixando em aberto algumas das

⁵ No sentido de gnose=conhecimento; não confundir com os Cristãos Gnósticos de Aries dos primórdios da Igreja, movimento considerado herético na sua época por ser dualista.

(.../...)

chamada Astral), mediadora entre o ser físico (incluindo a sua dimensão vital) e a Mente, condição indispensável a uma evolução equilibrada. Sendo a Obra um reflexo do Operador, se o Operador deixa por operar uma grande parte do seu ser, a Obra não pode completar-se. A sua aparência física ilude as restantes componentes do psiquismo humano - inalterado pela Química. E haverá algo que melhor traduza a boa relação emocional entre dois seres humanos? Não se costuma dizer que têm "boa química"?

Não quer isto dizer que a Química seja uma ciência incompleta e imprecisa ou um caminho inválido à evolução. De modo nenhum. A distância entre o Químico e o Alquimista é a mesma que há entre um cozinheiro de um *fast-food* de hamburgers e um cozinheiro com uma Estrela Michelin. O primeiro lida com carne morta e triturada, tem uma fórmula à sua frente e conseguirá sempre fazer o mesmo produto, com o mesmo sabor, em qualquer momento. O segundo lida com matérias vivas, cheias de odor, sucos vitais e óleos que irá confeccionar de tal modo que o resultado nem sempre é o mesmo. Basta recordar-nos das nossas avós para saber que certos pratos só elas sabiam fazer bem. E havia dias do mês em que a coisa simplesmente não saía...

Para finalizar referiremos aqueles autores que, talvez levados pelo já referido Livro de Henoch e

relacionando os "anjos caídos" com seres vindos de outros planetas, pretendem atribuir à Alquimia uma origem extra-planetária. Se aceitarmos de ânimo leve as teorias do tipo "Eram os Deuses Astronautas", popularizadas por Erich-von-Daniken, Robert Charroux e outros nos anos 70 é uma hipótese a considerar. Tal com uma popular série de televisão procurava explicar todos os petróglifos ainda não desvendados, podemos olhar uma câmara virtual e de olhar esbugalhado e cabelo em pé dizer: *"e de repente a explicação: ...aliens⁶!..."* Contudo isso seria o mesmo que dizer que ninguém na Terra - mesmo ninguém - foi suficientemente sonhador e aspirante à obra perfeita para tentar reproduzir num laboratório a Grande Obra de Deus...

Quadro Resumo

Fica o seguinte Quadro-Resumo das influências diversas que as antigas civilizações deixaram na Alquimia tal como nos chegou hoje. Por haver escassa documentação expressamente alquímica, deixamos por inscrever os químicos chineses, já que muitos dos tratados que nos chegaram, embora antigos e notáveis pelas técnicas quer metálicas, quer medicinais, são desprovidos da componente filosófica indispensável a classificá-los como Alquimia.

⁶ "aliens" significa "extra-terrestres".

Civilização	Maior contributo ou Influência
Babilónica	Daqui surgem as componentes astrológicas na Alquimia. São identificados os principais 5 planetas, bem como o Sol e a Lua).
Egípcia	Com a atribuição das Ciência Sagradas Alquímicas a Toth
Grega	Com a íntima ligação de muitos dos mitos gregos ao processo alquímico em si, incluindo o aparecimento de Hermes Trimegistus como a helenização de Toth.
Hebraica	Com a inclusão de inúmeros mitos judaicos veterotestamentários na cada vez mais rica e vasta mitologia alquímica, que viriam a incluir ao longo do tempo noções do Talmude e da Kabbalah, particularmente no que toca às interpretações relacionadas com o Genesis.
Latina	O panteão sagrado Romano actualiza o conhecimento anterior e reveste-o de novos mitodramas e alegorias. Hermes Trimegistus passa a Mercúrio.
Árabe	Especialmente pela cópia de manuscritos antigos que fossem coerentes com a religião Muçulmana, sendo que destes nos advém a "Távula Samradigna".
Cristã	Também o Cristianismo traduz a Grande Obra com base no seu conjunto de lendas, mitos, alegorias e textos sagrados, actualizando a Iconografia.



A Grande Obra

por Flamula Veritae⁷

A Alquimia age em conformidade com o Cosmos. Evolui com o Cosmos. O Cosmos é a sua matéria-prima.

A tendência do Cosmos aponta o caminho da Perfeição. Avança-se em cada ciclo, ainda que pouco,

⁷ Publicado pela primeira vez no Jornal Quinto Império, nº 3, Abril de 1991, Editorial Sibila, Mem Martins.

pois cada volta na Espiral do Universo dá-se numa oitava acima. Assim é e assim sempre foi.

A Alquimia age sobre os corpos que constituem o Cosmos. Força-os a uma aproximação mais rápida do final da jornada. É um catalisador na grande reacção química do Universo. Submete-se às Leis da Natureza, usa-as para fazer a Natureza submeter-se às Leis Universais, reintegrando-a.

A Alquimia age sobre os reinos que constituem a Natureza. Cumpre a evolução microcosmicamente, no Athanor alquímico, contribuindo para a reintegração macrocósmica. É a própria Obra da Criação, do Espírito pairando sobre as águas primordiais do Verbo e Mantra que separa as naturezas, o claro do escuro, o masculino do feminino, o fixo do volátil, os que ficam dos que partem.

A Alquimia é a plasmação física de transmutações subtis e grandiosas.

Alquimia Mineral

A Alquimia age no Reino Mineral, procurando a transmutação dos metais impuros ou vulgares num metal Nobre: o Ouro.

É voz corrente nos testemunhos do passado que o Ouro Alquímico é mais nobre, mais puro, menos

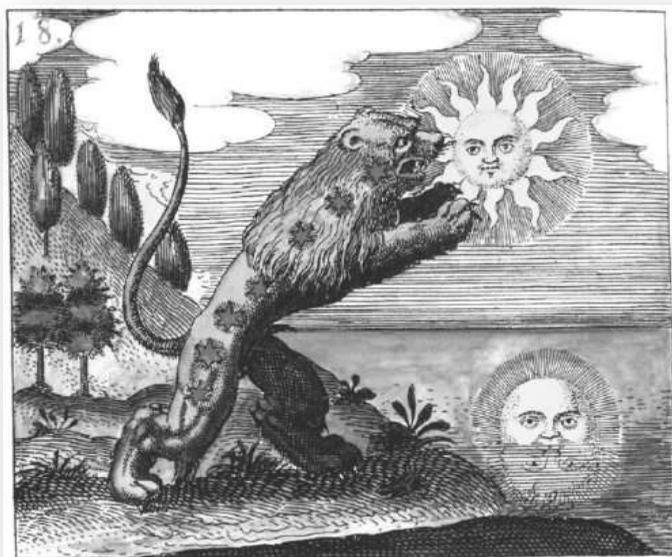
arrogante, mais maleável do que o vulgar, embora não deixe de ser Ouro.

Da mesma forma o Iniciado é um ser humano mais Nobre, mais Puro, menos arrogante, mais maleável que o vulgar, embora não deixe de ser Humano. É o ouro. É a aproximação que se dá da Origem do Universo que faz a diferença. O Iniciado foi também objecto de uma transmutação alquímica. A Alquimia busca a iniciação. Existem ao nível mineral três vias de acesso à Grande Obra. Cada uma dessas vias é caracterizada pela velocidade (ou factor de catalisação ao processo cósmico) com que a Obra se finaliza.

Assim, temos a Via Húmida, uma das mais vulgarmente conhecidas. A conclusão da Obra não dura menos de três anos, sendo necessário muito mais tempo para que o Discípulo consiga depurar todos os processos que usa, treinar a mão, aperfeiçoar as técnicas e encontrar o seu caminho no labirinto da Iniciação. O Magistério divide-se em Obras mais curtas, como que etapas antes da finalização, durante as quais qualquer erro pode ser fatal ao processo e obrigar a um novo começo, o qual não se poderá efectuar em qualquer altura do ano.

A Via Seca é considerada mais difícil e de finalização num espaço de tempo mais curto. Existem alguns livros que a ela se referem embora por vezes não a nomeiem explicitamente. Finalmente, a mais curta e perigosa (que exige um grande domínio de certas

operações das Vias anteriores) é a Via Breve. Acerca dela e dos segredos iniciáticos que a compõe pouco se tem falado ou escrito, pois as manipulações necessárias são de tal ordem que se caíssem nas mãos de um não-iniciado, o potencial de acidente grave e fatal seria muito grande. Por essa razão os detentores desta Via seguem à risca um dos deveres do Discípulo: o silêncio.



Alquimia Vegetal

A Alquimia age igualmente no Reino Vegetal, extraindo essências e tinturas de plantas. Pela

Alquimia Vegetal pode o espírito vegetal ser usado para curar enfermidades, agindo sobre o Corpo Vital, sobre a energia que envolve o Ser Humano. A esta disciplina chama-se com frequência Espagíria, embora a mesma palavra se possa usar para falar de uma Obra mineral específica.

Das experiências Espagíricas surgiu a ciência que é hoje a Farmácia. Uma das operações mais vulgares que envolve a Alquimia Vegetal é a Destilação, separando-se também aí as naturezas constituintes da planta. A Primavera é a época ideal para o início da Obra, com o incremento ao nível de energia vegetal que se dá nesta Estação.

O processo consiste em separar os três princípios Sal, Mercúrio e Enxofre, purificá-los cada um por si e reuni-los numa nova matéria, a pedra Vegetal. Em Espagíria, o Enxofre (ou energia vital) está contida no óleo essencial, o Mercúrio é fixado pelo álcool e o Sal está presente nas cinzas da calcinação.

A extracção dos elixires é largamente retratada desde a Idade Média em tratados vários, cuja particularidade é o mascararem-se com facilidade em Obra Metálica para confundir o não-iniciado.

Alquimia Animal

Embora possa parecer surpreendente, a Alquimia pode também agir no Reino Animal, por ser uma

(.../...)



Os Grandes Alquimistas do Passado

por Alexandre Rei David⁸

Grandes são aqueles que conseguem finalizar a Obra, pois aproximam-se da essência mais subtil de si mesmos. Inimaginável é para nós, profanos à Arte Real, o Poder que confere a transmutação efectiva de Homem e Matéria. Trata-se de reconstruir em si o Universo, a sua ordem, a sua harmonia, a sua perfeição. Aquele que o consegue reíntegra-se no próprio Universo. Reproduz no seu Ser interno tudo

⁸ Publicado pela primeira vez no Jornal Quinto Império, nº 3, Abril de 1991, Editorial Sibila, Mem Martins.

(.../...)



Os Adeptos do Século XX (parte 1)

por Jerónimo Santiago⁹

Falar de Alquimia no século XX é falar de dois nomes que não podem ser esquecidos: Fulcanelli e Canseliet. À parte de outros que não desejamos desmerecer, o papel que ambos desempenharam

⁹ Publicado pela primeira vez no Jornal Quinto Império, nº 3, Abril de 1991, Editorial Sibila, Mem Martins.

como divulgadores do saber hermético foi de vital importância para que esta ciência não caísse no esquecimento neste século de materialismo e positivismo exagerado. E, enquanto Canseliet devotou a sua vida a pesquisar, publicar e divulgar todos os aspectos da Alquimia de laboratório; de Fulcanelli, seu Mestre, sabemos muito pouco e o enigma acerca da sua identidade perdura. [Só muito recentemente obras como a de Walter Grosse¹⁰ - a que regressaremos - parecem ter penetrado na fortaleza silenciosa que mantinha desconhecida essa identidade.]

A história de Canseliet e de Fulcanelli interpenetra-se portanto, sendo que, para alguns autores, ambos são uma e a mesma pessoa. De facto Fulcanelli tornou publicas apenas duas obras escritas e fê-lo precisamente através do seu discípulo Canseliet. Dos seus manuscritos não há notícia. Nessa época pouco ou nada disse acerca da identidade de Fulcanelli. Corria o ano de 1926 quando apareceu em Paris um dos mais interessantes livros de Alquimia de todos os tempos: "*O Mistério das Catedrais*". Não fez êxito de imediato, sendo a sua fama e popularidade muito posteriores.

Assinada então por Fulcanelli é uma obra que nos fala acerca das catedrais góticas como verdadeiros

¹⁰ "Fulcanelli, un secret violé", Walter Grosse, Lisboa, 2009

livros em pedra, à espera de serem decifrados pelos Discípulos que buscam a Verdade. E aqui reside um dos seus princípios de inovação. A teoria alquímica é exposta de uma forma magistral, com uma linguagem simples mas hermética, sempre com base em figuras que decoram as catedrais de Notre-Dame de Paris, Amiens e Bourges.

O estudo de Fulcanelli pode ser considerado pioneiro em muitos aspectos, visto que, com base no seu trabalho, outros foram levados a estudar a iconografia hermética na arquitectura medieval e renascentista. Nunca igualaram o Mestre.

As primeiras edições da obra continham um conjunto de 49 pranchas desenhadas por Jean-Julien Champagne representando as referidas figuras das catedrais. A primeira edição (em 300 exemplares) passou despercebida nos meios herméticos e não era ainda considerada livro-de-culto quando Canseliet fez a edição de uma nova obra em 1930. Tratava-se de "*As Mansões Filosóficas*". Desde aí o misterioso Adepto não mais imprimiu uma linha que fosse com esse seu pseudónimo, embora tenham aparecido escritos considerados apócrifos. E, mesmo hoje a escassos 80 anos desta sua publicação (tempo muito curto se tivermos em conta o que nos separa dos Alquimistas da Idade Média), nada mais transpirou acerca do verdadeiro nome por trás de Fulcanelli a não ser muito recentemente. Durante décadas

(.../...)



Os Adeptos do Século XX (parte 2)

por Luis de Matos

Não se poderá fazer uma historiografia da Alquimia no final do século XX e transição para o século XXI sem referir Solazaref, um dos mais enigmáticos e mais controversos alquimistas de todos os tempos. Devemos igualmente deixar uma nota sobre o grupo Les Philosophes de la Nature e Roger

Caro, de modo a melhor contextualizar o seu legado, que é recente.

Roger Caro

Durante os anos 60 foi criado em França o Templo Iniciático e Alquímico de Ajunta, escola de transmissão alquímica e sacerdotal de que se conhece muito pouco. O seu líder fazia-se conhecer pelo pseudónimo de Jean Deleuvre, cujo *nomen* iniciático era Kamala Jnana. Praticava a Via do Cinábrio e em 1968 publicou uma série de 43 fotografias que mostram as principais fases da Obra.

Aparentemente Kamala Jnana era Mestre de Roger Caro (1911-1992). Alguns autores afirmam que eram uma e a mesma pessoa. Em 1973, já com Mestre Jnana oficialmente morto, revela-se que o grupo interior da escola se designava Frères Aînés de la Rose Croix (FAR+C). Roger Caro emerge como Grão Mestre. Esta Ordem é tida como um ramo muito antigo dos Rosacruz, especificamente dedicada à Alquimia e ao sacerdócio (o Ora et Labora). Efectivamente é por esta época que Caro, investido como Bispo, cria a Igreja Universal da Nova Aliança, como complemento ao trabalho alquímico.

(.../...)



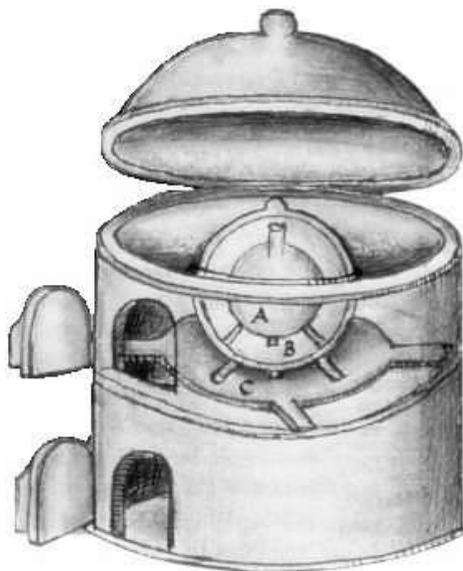
A Iconografia Alquímica

por Luis de Matos

Os manuscritos alquímicos sempre foram ricos em iconografia e explicações visuais que acompanhavam um texto muito hermético e difícil de visualizar mentalmente. A iconografia cobria o espaço em branco entre o texto e a imaginação criativa. Nela podiam expor-se de modo mais claro os conceitos e segredos e, ao mesmo tempo, criar uma linguagem visual só acessível ao olho treinado. O recurso a lendas, alegorias, mitos e referências sagradas predispunham-se admiravelmente a ser ilustrados.

Só após a invenção da imprensa, com Gutenberg, foi possível divulgar de modo massivo textos e tratados, reproduzindo imagens gravadas em madeira ou

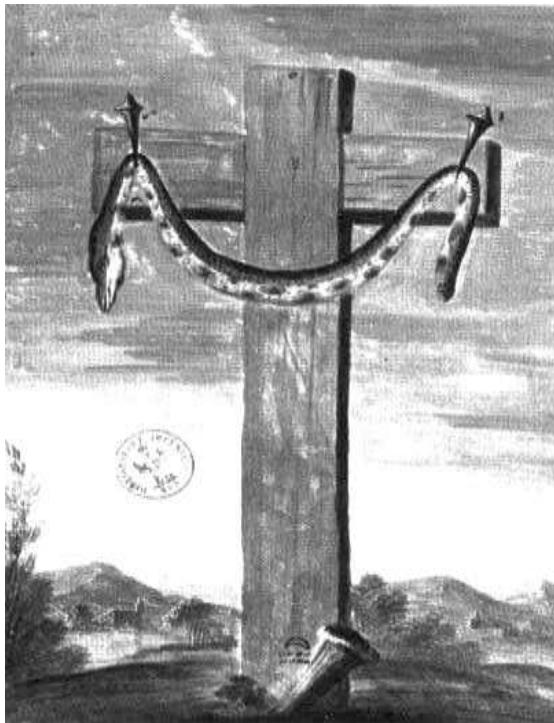
estanho. A arte da gravura refinou-se de tal modo durante a Renascença, que contamos hoje com notáveis exemplos de Tratados Alquímicos puramente baseados em imagem (como é o caso do "Mutus Liber") ou outros em que a ilustração é parte integrante da mensagem da obra (como é o Livro de Lambsprik, por exemplo).



Este fascínio pela imagem levou-me a coleccionar gravuras e tratados, o que me levou ao estudo destes e algum trabalho de sistematização. Deste modo, quando se iniciaram as actividades de estudo no IHSHI, pareceu-nos muito interessante desenvolver um Curso de Introdução à Iconografia Alquímica. Durante o Curso fazemos uma abordagem prática,

(.../...)

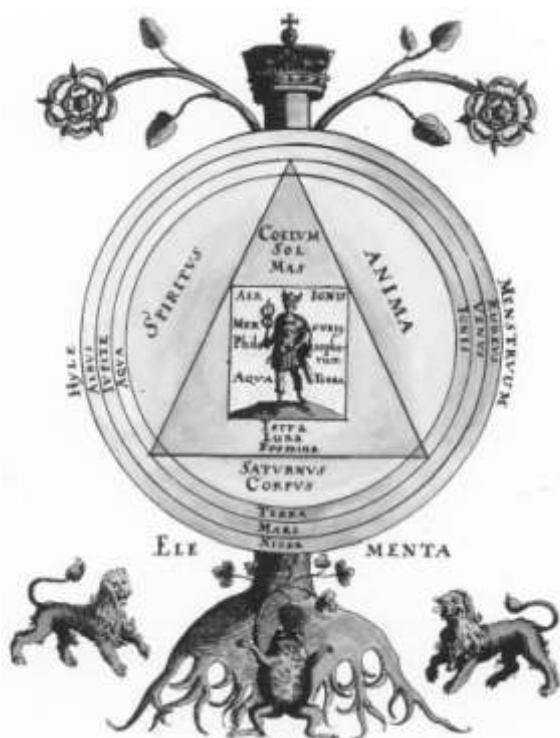
de Cristo. A serpente (muitas vezes representada apenas com a sua pele pendurada nos pregos da cruz), é a dupla essência crística, corpórea e ígnea, que "deixa a pele" nos cravos da cruz, mas renasce como novo numa dimensão metafísica.



A referência mitológica e de central importância à compreensão do emblema alquímico porque muitas culturas deixaram uma influência muito marcada. Desde o tempo da Babilônia e depois do Egito que o simbolismo alquímico foi sendo aperfeiçoado e acrescentado. A mitologia grega, por exemplo,

sempre foi muito proeminente como fonte de mito e alegoria para a Grande Obra.

Uma vez que tenhamos compreendido que código devemos usar, há que perceber as regras geométricas presentes no emblema. Em muitos casos a geometria é perfeitamente visível e quase formativa do essencial do emblema. É o caso do seguinte exemplo:



Alchymia complementum, Samuel Norton, 1630

Noutros ela está de algum modo escondida ou disfarçada na própria disposição dos diversos elementos. Vejamos como:

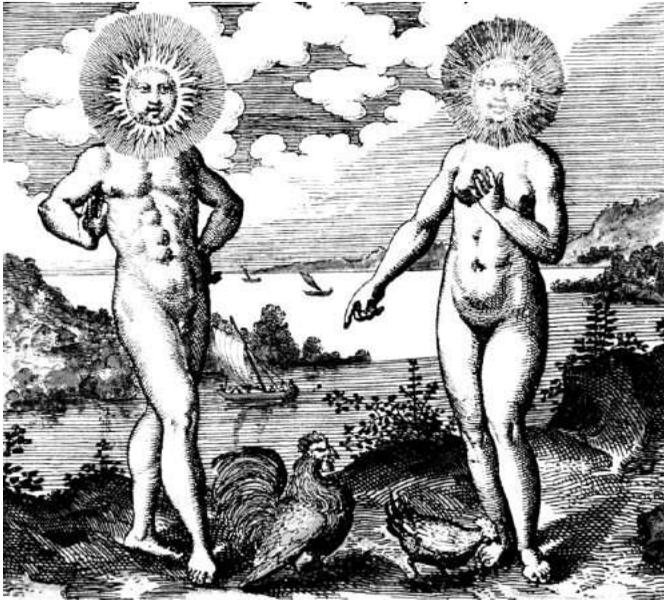


Mylius Philosophia reformatata, Mylius, 1622

Aqui podemos ver o círculo como a esfera protectora onde está a criança que é amamentada. Contudo há igualmente um triângulo com o vértice inferior, formado pelos animais nos topos superiores esquerdo e direito e a figura central. Um último recurso geométrico é visível: a simetria.

Assim, torna-se importante conhecer a significação das principais figuras geométricas que nos irão ser dadas a observar, como o círculo, o triângulo, o quadrado, o pentágono e o hexágono - que são os

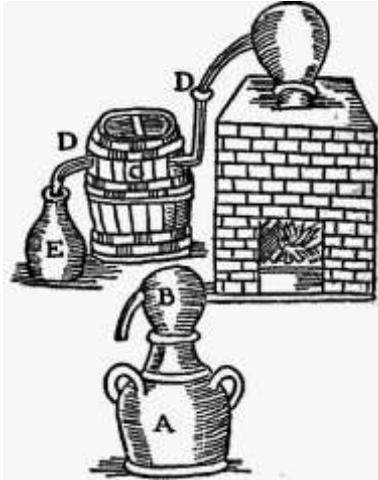
mais vulgares. A simetria, quer horizontal, quer vertical, é muito corrente e muitas vezes dispõe elementos de carga simbólica contrária nos extremos com uma figura central que resolve a tensão.



Atalanta Fugiens, Michael Maier, 1617, emblema 30

Uma vez identificada a geometria subjacente ao emblema, que nos dará a relação entre as diversas figuras, resta contrastar todos estes elementos com a fonte. Ou seja, perceber se temos um conjunto coerente com o autor, obra e época. Aplicar, por exemplo, o esquema da Árvore da Vida, que só se popularizou já no final do século XIX a um emblema do século XV, por exemplo, é anacrónico. Esta

(.../...)



A Grande Obra em Resumo

por Luis de Matos

Princípios e Planetas

A diferenciação das energias que emanam da criação até se manifestarem em três princípios dá-se do seguinte modo¹¹:

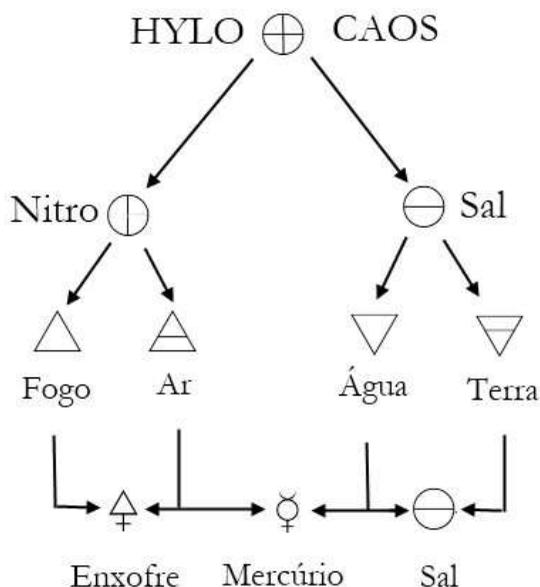
1) Do Matéria Primeira de toda a Criação, indiferenciada, ao Caos diferenciado, composto por duas energias complementares: Nitro e Sal,

¹¹ "A Cadeia Dourada de Homero", Anton Josef Kirchweger, Frankfurt, 1723

respectivamente Energia da Vida e Energia da Matéria.

2) Estas diferenciam-se por sua vez do seguinte modo: o Nitro em Fogo e Ar; e o Sal em Água e Terra.

3) pela combinação destes elementos primordiais se manifestam os três princípios Enxofre (Fogo e Ar), Sal (Água e Terra) e o mediador entre ambos Mercúrio (no conjunto Ar e Água).



(.../...)

Índice

Prefácio	5
Parte I	
Os Objectivos da Alquimia	11
As Origens da Alquimia	19
A Grande Obra	33
Parte II	
Os Grandes Alquimistas do Passado	45
<i>Alberto Magno</i>	47
<i>São Tomás de Aquino</i>	51
<i>Roger Bacon</i>	53
<i>Arnauld de Villeneuve</i>	57
<i>Raymond Lulle</i>	59
<i>Nicolas Flamel</i>	62
<i>Basile Valentin</i>	65
<i>Paracelso</i>	68
<i>Irineu Philaléthe</i>	71
<i>Conde de Saint-Germain</i>	73

Os Adeptos do Século XX (Parte 1)	77
<i>Fulcanelli e Canseliet</i>	77
<i>Quem era então Fulcanelli</i>	84
Os Adeptos do Século XX (Parte 2)	91
<i>Roger Caro</i>	92
<i>Les Philosophes de la Nature</i>	93
<i>Solazaref</i>	95
Parte III	
Iconografia Alquímica	101
Parte IV	
A Grande Obra em Resumo	121
<i>Princípios e Planetas</i>	121
<i>Fases da Grande Obra</i>	124
<i>Via do Cinábrio</i>	126
<i>Segundo George Ripley</i>	128

Breve Glossário Alquímico	129
Bibliografia	135
<i>Introdutória</i>	136
<i>Mais Avançada</i>	137
<i>Para Especialistas</i>	139
<i>Referência (Dicionários & Co.)</i>	141
<i>Internet</i>	141

Pode contactar o autor através de email para:

luismatos@madrid.com

ou seguindo o Blog: universatil.wordpress.com

Sobre o Autor:

Luís de Matos é gestor de empresas, actualmente Presidente e COO da Digital Stream Interactive, ramo europeu da DSI Americana, companhia da área de New Media. Nasceu na freguesia do Bonfim, no Porto, em 1968. Viveu até aos 10 anos no coração de Trás-os-Montes, o que influenciou a sua formação humanista e determinou o seu interesse pelas tradições populares Portuguesas. Mais tarde acompanhou a sua família numa mudança para a região de Sintra, onde passou a juventude sob a sombra da mítica Serra que sempre o fascinou. Foi no intento de decifrar os seus mistérios que entrou em contacto com literatura ocultista que amiúde referia Ordens secretas como a Maçonaria e os Templários, apaixonando-se rapidamente pela gesta da Demanda do Santo Graal.

Muito jovem ainda teve a boa fortuna de encontrar orientação para os seus estudos. Passou a interessar-se pela História desconhecida do povo luso, acabando por fundar com mais dois amigos o “Jornal Quinto Império”, de que foram colaboradores - e amigos de largas conversas - nomes como Lima de Freitas, Agostinho da Silva, António Quadros e José Manuel Anes, entre muitos outros.

Em 2010 ajudou a dar corpo ao projecto do In Hoc Signo - Hermetic Institute, de que é o Presidente. No

âmbito das actividades do Instituto tem feito diversas conferências, guiado visitas e leccionando cursos, designadamente na área da Iconografia Alquímica.

Em 2010 publicou "A Maçonaria Desvendada", pela Zéfiro, livro que foi extremamente bem recebido pelo público e pela crítica.

Pode consultar as suas reflexões sobre Maçonaria e outros assuntos em <http://universatil.wordpress.com>



In Hoc Signo Hermetic Institute

**Paixão pelo Conhecimento na Demanda da
Eterna Sabedoria.**

Por entre links na internet que nos levam a milhões de opiniões (tantas simplesmente o púlpito de lunáticos), e as livrarias que vendem milênios de Tradição em sumário numa vintena de páginas prontas a consumir, o curioso estudante do verdadeiro Conhecimento perde-se como num labirinto.

Ciências Tradicionais como a Cabala e a Alquimia, o estudo de Ordens Iniciáticas como a Rosacruz e a Maçonaria, conhecimentos valiosos como o Cristianismo primitivo e a Teosofia, são hoje vulgarizados de tal modo que na maior parte dos casos se perde a essência e se deita fora a Tradição Primordial.

A paixão pelo Conhecimento, na Demanda da Eterna Sabedoria, foi o que juntou os fundadores do In Hoc Signo Hermetic Institute. Somos homens e mulheres de vários países, com um profundo interesse em todas as áreas do Conhecimento esotérico. Somos livres pensadores e, em conjunto, decidimos encetar esta viagem de Demanda e partilha dos saberes. Sem sectarismos. Sem falsos segredos. Sem gurus.

www.ihshi.com